



Outorga do Título de Professor Emérito a
José Pereira de Queiroz Neto



 Pavlopolitana Universitas

Philosophiae, Litterarum Humanarumque
Scientiarum Facultas

Ego, Doctor Sedi Mirano, Philosophiae, Litterarum
Humanarumque Scientiarum Facultatis Moderator in
Pavlopolitana Universitate, cum actum vidissem et perle-
gissem quod ab huius Facultatis Magistrorum Collegio ante
diem sextum Kalendas Octobres anno MMII praeclarus vir

José Pereira de Queiroz Neto

geographiae peritissimus

Professor Emeritus

rite declaratus est, hoc diploma ei dedi, ut omnibus honori-
bus privilegiisque cum dignitate eius cohaerentibus et
quidem sollemniter collatis iure uti ac perfrui posset.

Datum Facultatis in Actibus ante diem quintum
Kalendas Septembres anno MMIII.


Sedi Mirano
Facultatis Moderator


José Cláudio de Medeiros Lima
Facultatis ab Actis

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof. Dr. Adolpho José Melfi
VICE-REITOR: Prof. Dr. Helio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR: Prof. Dr. Sedi Hirano
VICE-DIRETORA: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Eliana Bento da Silva Amatuzzi Barros – MTb 35814

Projeto Gráfico, Diagramação

Dorli Hiroko Yamaoka – MTB 35815

Revisão

Bruna Baldini de Miranda

SERVIÇO DE ARTES GRÁFICAS

João Fernando Querido Salvado

Tiragem – 200

novembro de 2005

Cerimônia de Outorga
do Título de Professor Emérito

Prof. Dr. José Pereira de Queiroz Neto

Data: 28 de agosto de 2003

Horário: 13h30

Prédio da Administração – Salão Nobre

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo

Local: Rua do Lago, 717 – Cidade Universitária

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C415 Cerimônia de outorga do título de Professor Emérito: Prof. Dr. José Pereira de Queiróz Neto. — São Paulo : SDI/FFLCH/USP, 2005. 46 p. (Série Eméritos).

Discursos por Selma Simões de Castro, José Pereira de Queiroz Neto.

ISBN 85-7506-099-6

1. Ensino Superior 2. Universidade (Questões Gerais) I. Castro, Selma Simões de II. Queiróz Neto, José Pereira III. Série

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
DISCURSO DE SAUDAÇÃO	9
PROFA. DRA. SELMA SIMÕES DE CASTRO	
DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA ENTREGA DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO	
SALTOS E RESSALTOS DE UMA CARREIRA ACADÊMICA	26
PROF. DR. JOSÉ PEREIRA DE QUEIROZ NETO	

APRESENTAÇÃO

Formado agrônomo em 1952 pela ESALQ/USP, trabalhou no Instituto Agrônomo de Campinas até 1967, como pesquisador. O Departamento de Geografia da *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras* da USP, começa a tomar conhecimento de suas idéias em 1964, quando é convidado pelo Prof. Aroldo de Azevedo, chefe do Departamento, para proferir palestras sobre Conservação dos Recursos Naturais com ênfase nos solos e seus múltiplos usos e no ano seguinte quando, os Profs. Aziz Ab' Saber e Ari França convidam-no a permanecer como professor colaborador, função em que fica por dois anos até que em 1967 vem a ingressar nos quadros desta Faculdade, passando a se dedicar integralmente ao ensino e à pesquisa. Quase imediatamente constituiu um Grupo de Pesquisa sobre Solos, coordenando o então Laboratório de Pedologia e Sedimentologia do Instituto de Geografia, que se tornou referência por se pautar em novas visões teóricas e metodológicas. Sua trajetória desde o início foi marcada pela coordenação de grandes programas de pesquisa e ensino integrados e viabilizados mediante intercâmbios interinstitucionais, inclusive bilaterais França-Brasil, sempre centrados na questão dos solos e que permitiram a capacitação de vários docentes e pesquisadores, hoje disseminados pelo país.

O primeiro conjunto, sobre *Formações Superficiais*, resultou numa série de cartas publicadas pelo Instituto de Geografia da USP e culminaram no Colóquio Interdisciplinar Franco-Brasileiro, em 1978. O segundo conjunto, sobre *Análise Estrutural da Cobertura Pedológica*, permitiu a aplicação de novas bases teóricas e metodológicas, expressas através de inúmeras publicações de artigos e uma vintena de teses de

doutorado, onde se destaca a sua aplicação à gênese, erosão, assoreamento e compactação dos solos decorrentes do uso e manejo inadequados, tanto em áreas urbanas como peri-urbanas e rurais. Do mesmo modo culminou na organização de um evento internacional na Universidade de Caen, França, sob os auspícios da AGF - *Association des Géographes Français*, em 1991.

Paralelamente, também desempenhou outros importantes trabalhos como o de resistência aos padrões de universidade impostos pelo governo federal, pós 1964, participando das curtíssimas comissões paritárias da USP; o de colaboração com várias instituições de ensino e pesquisa do país e estrangeiras, como na França e Espanha, e suas atuações na Academia de Ciências do Estado de São Paulo e na SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, onde organizou a 50ª Reunião Anual, em 1992, pelo que foi homenageado. Nestas, como em outras instituições manteve participação ativa em projetos e outras atividades onde os impactos negativos da urbanização, da industrialização, da modernização da agricultura e da apropriação de novas terras para atividades agro-silvo-pastoris começavam a chocar a sociedade, como por exemplo, na Amazônia e em Cubatão.

Sua vasta produção científica veio somar-se aos primeiros capítulos de livros que escreveu, *Os solos da Baixada Santista in A Baixada Santista*, em 1965 e *Os solos in Brasil, a Terra e o Homem*, em 1968, alcançando a casa de mais de 200 publicações diversas.

Embora tenha se aposentado em 1995, não deixou o ensino integrado à pesquisa de pós-graduação no DG/USP e a colaboração com outras instituições, pois que acaba de iniciar novo programa para estudo dos solos do Pantanal, área que em uma antiga publicação sua, chamou de *Patrimônio da Humanidade*.

Esta homenagem da FFLCH da USP reconhece o seu privilégio em ter contado em seus quadros com este mestre hábil em agregar pessoas e em estimular e dar exemplo de uma atuação embasada em permanente pensamento crítico e inovador.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO

SELMA SIMÕES DE CASTRO

JOSÉ PEREIRA DE QUEIROZ NETO

Um professor que aprendeu muito ensinando e ensinou muito mais a aprender

Um pesquisador exigente, rigoroso na crítica e mais ainda na autocrítica.

Um pensador de livre pensar, movido a novos olhares sobre velhos problemas.

Um cientista corajoso, o suficiente para não temer novos paradigmas.

Um cidadão atento às mudanças do mundo, fiel aos seus princípios, mas sem medo de mudá-los, quando convencido de qualquer equívoco.

Um amigo solidário na dor dos amigos embora muitas e muitas vezes solitário na sua própria dor.

Um militante apaixonado, orador de longas orações, mas comumente portador de precisão cirúrgica em suas análises e confiante no trabalho em comum.

Um companheiro esperançoso de um novo tempo e de um mundo novo.

Um homem que não abriu mão de ser o que é.

Partes de um homem que jamais o dividiram.

Por Selma Simões de Castro

Saudação ao Professor Doutor José Pereira de Queiroz Neto proferida em Sessão Solene da Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para outorga de título de Professor Emérito, em 28 de Agosto de 2003.

JOSÉ PEREIRA DE QUEIROZ NETO

Agrônomo por formação tendo concluído o curso na ESALQ/USP em 1952, dava início à sua atividade profissional logo a seguir, junto à Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná, trabalhando com a cultura do café e paralelamente com o Horto Florestal de Maringá. É preciso lembrar que nesse momento pouco se conhecia sobre os solos do país e se dava início aos levantamentos e mapeamentos, inclusive no estado de São Paulo pelo Instituto Agrônômico de Campinas e cujos resultados ainda não podiam estar profundamente contemplados nos currículos das escolas de agronomia.

Assim, cômico da falta de um melhor conhecimento dos solos, sobretudo de seu comportamento, desejava completar sua formação e foi buscá-la na França, na École Nationale Agronomique de Rennes e na antiga ORSTOM, hoje IRD, onde aprofundou seus conhecimentos sobre os solos tropicais e da América Latina, com ênfase nas suas características físicas e químicas e suas relações com as rochas. E, se há sempre um mestre especial em nossas vidas, na dele foi Georges Aubert, segundo ele o principal depositário, na época, de um vasto conhecimento sobre os solos tropicais. O centro de suas preocupações já se delineava, alimentado pelas indagações que se fazia, mais especialmente a respeito da formação dos solos, das suas propriedades e suas relações com as plantas.

Lá, aprendia sobre solos numa base conceitual inteiramente nova para ele, que já o concebia como produto de interface, embora nesse momento a Ciência ainda fosse bastante compartimentada e a visão integrada do solo na paisagem ainda não fosse exaustivamente estudada e muito ainda necessitasse de pesquisas mais detalhadas.

Ao voltar com essa bagagem ingressou no IAC onde trabalhou até o final dos anos 60 com os levantamentos que se iniciavam, concentrando suas preocupações nas questões relativas à origem e evolução dos solos tropicais e sobre as conseqüências do uso agrícola, a respeito do que trabalhou mais amiúde com o seu colega e pesquisador

Grohmann. Foi lá também que iniciou pesquisa sobre o papel das estruturas e sua mudança em relação com o uso agrícola.

Em tais pesquisas já agregava abordagens do domínio da geomorfologia e da geologia, em especial da sedimentologia, que lhe forneciam combustível para potencializar ainda mais suas reflexões anteriores. Também procurava colegas para compartilhá-las no cenário científico que fervilhava, a respeito não só das técnicas empregadas na pesquisa sobre solos, mas, sobretudo por questionar vivamente o seu conceito, as teorias vigentes, particularmente sobre o material de origem dos solos à luz dos processos geomorfológicos. É a partir desse momento, como mais tarde ele afirmou, que consolidou sua visão de que Pedologia e Geomorfologia são caminhos convergentes.

Se fosse possível resumir fielmente sua vida científica, certamente seria importante destacar certos pontos que marcaram sua trajetória de pesquisa ligada aos solos e seu uso e manejo: o conceito de solo como produto de interface em perpétua evolução no contexto da dialética da natureza; a busca de metodologias que melhor viabilizassem uma abordagem tão integrada quanto viável no contexto das paisagens em termos de sua gênese e evolução; as conseqüências dos usos e abusos dos solos no conjunto da sua apropriação e sistemas de produção. Eles passariam a fundamentar e nortear seu pensamento e as atividades de pesquisa por toda a sua vida.

É em 1964 que foi convidado pelo Prof. Aroldo de Azevedo, então chefe do Departamento de Geografia, o DG, da então *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, hoje Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, a FFLCH, para desenvolver um programa de palestras sobre Conservação dos Recursos Naturais com ênfase nos solos e seus múltiplos usos. É assim que se iniciam seus contatos profissionais, e mais do que isso, científicos, com a Geografia, onde encontrou mais de perto toda a teoria geomorfológica efervescente e o campo propício para a discussão dos solos no domínio dos seus usos e enquanto recurso natural. Nos dois anos seguintes, 1965 a 1967, a convite dos Profs.

Aziz Ab' Saber e Ari França, veio a integrar o DG como professor colaborador e o IGEOG – Instituto de Geografia - como pesquisador.

É nesse momento que deixa o IAC, sem, contudo, cortar os laços com os amigos que lá fizera, e que ingressa no quadro docente do DG onde sabia que poderia realizar as pesquisa sobre solos tropicais na direção de suas inquietações bem como de ampliar e estreitar relações com outros pesquisadores de áreas afins, em especial com docentes do atual Instituto de Geociências, que àquela época ainda integrava a Faculdade, com os quais mantinha vivas discussões sobre o intemperismo das rochas e a formação dos solos.

É nessa fase que publicou Os Solos in *A Baixada Santista* (1965) e Os Solos in *Brasil, a Terra e o Homem* (1968), obras de grande envergadura na época e que também ofereceu as disciplinas de Pedologia e de Conservação dos Recursos Naturais para a o DG, as quais em 1969 passaram a integrar a grade curricular do curso de graduação em Geografia, como disciplinas obrigatórias.

Ao se tornar docente no DG desta Faculdade, pode, desde então, dedicar-se ao ensino e à pesquisa, atividades que sempre defendeu unidas, o que abraçou como sua principal prioridade acadêmico-científica, e, vale dizer, de um modo inovador. Inicialmente, por demonstrar um talento muito pessoal para uma forma de ensino que estimulava os alunos a pensarem sobre questões complexas a respeito de fatos e fenômenos produtos de integração de fatores da superfície terrestre em sua evolução no tempo e no espaço, princípio muito caro à Geografia e, paralelamente, através da criação de um grupo de pesquisa em solos, mais especialmente desde o início da década de 1970 e que veio a se tornar o segundo maior grupo no estado de São Paulo, sediado junto ao então Laboratório de Pedologia e Sedimentologia, hoje de Pedologia, do qual passou a ser coordenador oficialmente a partir de 1968, como prosseguiu até 1994, laboratório este também do então Instituto de Geografia – IGEOG- da USP.

Lá, pode contar com a ajuda inestimável de colegas e alunos que

lhes foram sempre muito solidários e parceiros das empreitadas, dentre eles, Paulo Nakashima, May Modenesi, Suria Abucarma, Gil Sodero de Toledo, Rosely Pacheco Dias Ferreira, Heinz Charles Kohler, Lylian Coltrinari, Arlette Watanabe, Marília Aguiar, Stella Stanovisky Herz, José Gusmão, Maria Tereza Nóbrega, Renato Herz, Adilson Carvalho, Carlos Cerri e tantos outros, que por ali passaram momentos inesquecíveis e, sobretudo, muito aprenderam, inclusive eu.

O Laboratório já funcionava, desde o início, como o que se chama hoje de gestão participativa. Até nisso ele inovava. E durante algum tempo teve, graças à FAPESP, independência financeira, o que era raro naqueles anos, e até um veículo próprio, nosso Jipe azul-esverdeado batizado Esmeraldina, companheiro inseparável das inúmeras missões de campo.

Tal grupo, sob sua liderança, veio a consolidar-se já nos primeiros anos da década de 1970, e, como não podia deixar de ser, de um modo marcado pela forte base conceitual integrada entre solo, paisagem e usos, e pelas subseqüentes abordagens metodológicas, que não partilhavam de uma visão dos solos de *per sí*, estavam longe de ser essencialmente agrônômicas, polemizavam os levantamentos, mapeamentos e interpretações vigentes, mesmo com relação à classificação e à representação cartográfica. Esta, segundo ele, deveria ser capaz de conduzir a um melhor entendimento sobre a distribuição dos solos e suas relações com os demais componentes das paisagens, com inequívoca aplicabilidade para seu uso e ocupação.

Embasado em tais princípios, por um lado relacionados à reconstituição tanto paleogeográfica como geográfica das paisagens tropicais que justificavam certos comportamentos atuais dos solos, e por outro, com uma perspectiva conservacionista, assim como se denominava o bom uso e manejo dos solos naquele momento, é que, por ele influenciado, o grupo questionava desde seu início as práticas que se apoiavam em modelos importados de outras realidades, aliás, em voga até hoje, porque não dizer, e que não se adequavam às condições

tropicais. Pode-se dizer que era um grupo *rebelde com causa* no meio acadêmico e científico que se dedicava ao estudo dos solos e das paisagens, a começar pelo seu líder.

Pouco se falava em impactos ambientais, no sentido negativo da expressão, mas o Prof. Queiroz ou simplesmente Zê Queiroz, como muitos carinhosamente o chamavam e o chamam até hoje, já se preocupava com isso e principalmente com as conseqüências disso para a sociedade e para a natureza. Desse modo integrava plenamente o contexto crítico do DG e da Geografia no país, onde era ouvido como se fôra um geógrafo desde sempre.

Esses assuntos, dentre outros relativos à política federal e internacional estavam presentes nas discussões que promovia. Quem conviveu com as reuniões que não tinham hora para começar e muito menos para terminar, e não raro, continuavam noite adentro no restaurante Frajola ou no Vila e outros pontos de encontro de gente como a gente, na noite paulistana, e que se tornavam ambientes de calorosas discussões além de inesquecíveis, sabe muito bem disso. Mas se reservava o direito também de compartilhar sempre com todos uma boa receita culinária trazida de suas andanças pelo mundo e pelo país e não dispensava uma boa música popular brasileira como acompanhamento, batucando incessantemente na mesa, estimulado pelo ritmo, como o faz até hoje.

Seu primeiro grande programa de pesquisa voltou-se ao estudo das Formações Superficiais, que resultou numa série de cartas com seus respectivos memoriais, publicados pelo IGEOG/USP, sobre São Pedro, Marília, Vale do Parateí, Lagoa Santa e que foram oficialmente divulgadas durante um grande evento franco-brasileiro realizado no DG e *in loco*, em 1978, dentro do convênio CNPq-CNRS, firmado com a equipe do *Centre de Géomorphologie du CNRS*, Caen, França, através de seu então diretor e parceiro de muitas jornadas, o Prof. André Journaux.

Também através desses convênios estabeleceu laços fortes com outros colegas daquele centro, como Lautridou, Ozouf, Helluin e um que se apaixonou pelo Brasil e que hoje aqui está entre nós, na Universidade

Federal de Santa Catarina, o Prof. Joël Pellerin, igualmente parceiro dos numerosos trabalhos vinculados a esse programa e aos que se sucederam. Foi com esse colega que desenvolveu mais particularmente parte substancial das pesquisas sobre Marília e São Pedro, sempre sob novos olhares.

Mas não era só isso. Ele integrava ao convênio as missões de trabalho de brasileiros na França, pesquisadores e estudantes de pós-graduação, que beneficiaram, por exemplo, um ex-docente do DG, o Prof. Paulo Nakashima, e outros, como a Profa. Rosely P.D. Ferreira, a Marília Aguiar e a Iraci Palheta que lá fizeram estágios, apenas para citar alguns.

Findo esse convênio, mais tarde, após um pequeno interregno, desejoso de aprofundar ainda mais o conhecimento, sobretudo a respeito do comportamento atual dos solos nas paisagens tropicais, em 1980 iniciou novo programa também com a França, desta vez, envolvendo além dos anteriores, também o *Institut National pour la Recherche Agronomique* e a *Ecole Nationale Supérieure Agronomique*, ambas de Rennes, mediados por convênios *Capes x Cofecub*, este sigla do *Comité Français pour l'Evaluation de la Coopération avec les Universités Brésiliennes*, firmados em parceria com Alain Ruellan, com o objetivo de aplicar uma nova abordagem teórica e metodológica no estudo dos solos, a chamada *Análise Estrutural da Cobertura Pedológica*.

Nela, os solos são avaliados em sua total quadridimensionalidade, isto é nas três dimensões espaciais e a na quarta dimensão, a temporal, superando conceitos e metodologias vigentes ligadas ao indivíduo solo tomado pelo seu perfil vertical e, sobretudo, por integrá-lo à paisagem, o que se alinhava sobremaneira com o seu modo de pensar o solo desde o início de sua carreira e que, além disso, poderia melhor responder às questões relativas ao seu uso e manejo, uma das suas preocupações constantes.

Por outro lado, apoiava-se em princípios de embutimento de níveis de organização dos materiais que requeriam escalas que partiam da paisagem e chegavam ao microscópio, polvilhando de dados

novos esse universo a ser (re)desvendado, sob nova ótica conceitual e conseqüentemente de método.

Muitas descobertas sobre erosão, compactação e outros efeitos dos usos e abusos dos solos foram esclarecidos e de um modo especialmente rico, além de inédito. Novos personagens iam se integrando ao grupo, alguns por mais tempo, outros menos, como Carlos Roberto Espíndola, Armand Chauvel, Pierre Curmi, René Boulet, a Sidneide Manfredini, nosso saudoso Antonio Carlos Moniz, dentre outros, somando-se aos precedentes.

Nesse programa ampliou-se o trabalho de campo, como de hábito feito em equipe desde o convênio anterior e o que foi extraordinário, potencializando notavelmente a formulação de perguntas e a obtenção de respostas num tempo menor, além de favorecer a extensão. Quem pôde participar dessa fase pode se lembrar dos trabalhos de Marília, do Vale Parateí, de Bauru, de Paulínia, de Ilha Solteira, de Uberlândia, de Biguaçu, de Cruz das Almas...Dos ônibus e Kombis cheios de material de campo e malas, da preparação de lanches e de materiais necessários para improvisar escritórios, embalar amostras e outros, para 30 ou 40 pessoas cada um, após um curso teórico concentrado, em geral ministrado nas dependências do Departamento de Geografia. Tratava-se de um verdadeiro mutirão, palavra esta que um pouco mais tarde começou a ser usada para trabalhos ou projetos feitos em grupos, para outras finalidades, não necessariamente científicas, mas que como eles partilhava do princípio de trabalho coletivo em benefício comum. De tais mutirões saíamos com o esboço do mapeamento feito e muitas perguntas na cabeça para encaminhar a seqüência de trabalhos para apresentação, antes de tudo, para o próprio grupo nos Seminários Semestrais, itinerantes como os trabalhos de campo, onde se depuravam as idéias.

Como no convênio anterior, novas missões de estudos de brasileiros na França: Átilla Miklos, Sônia Furian, dentre outros, inclusive eu.

Mas nem sempre os cursos eram para pesquisadores e estudan-

tes . Prova disso e quem esteve lá pode se lembrar refere-se ao curso ministrado aos pequenos assentados agrícolas de Ilha Solteira, para que aprendessem a trabalhar o solo, observando-o detalhadamente e ao seu entorno, e assim diminuir a dependência de insumos e financiamentos bancários, por melhor adequarem suas práticas agrícolas às características visíveis dos solos, e viver com mais dignidade. Era a prática da extensão da pesquisa para o trabalhador do campo que com seu parceiro Ruellan iniciava-se. Mais uma inovação que beneficiava, desta feita, aqueles que não podiam receber a orientação técnica necessária...

Paralelamente também lutou pela organização de grupos nacionais e internacionais voltados à pesquisa. Foi assim que participou da criação da ABEQUA – Associação Brasileira para estudos do Quaternário e criou laços com seu saudoso amigo e colega Hugues Faure, da França, na luta por pesquisas sobre as áreas tropicais ligadas ao INQUA – Associação Internacional para Estudos do Quaternário.

Tais convênios envolveram mais de 30 instituições de ensino e/ou pesquisa e beneficiaram diretamente mais de 500 pessoas, entre profissionais e estudantes, através dos cursos, estágios de campo e de laboratório, elaboração de dissertações, teses, artigos e eventos. Novas pessoas se engajavam às pesquisas, como Omar Neto Fernandes Barros, Miriam Vizintin, Sílvia Nicola, Ângela Beltrame e outros. Do exterior ainda, Michel Grimaldi e em definitivo René Boulet. Estes, vale dizer, assim como Pierre Curmi, passaram a trazer novas idéias sobre os procedimentos operacionais das pesquisas, sobretudo de laboratório e ensaios de campo, que retroalimentavam os rumos interpretativos de algumas delas, o que também realimentava o Prof. Queiroz de novos ânimos, fazendo-o agregar mais gente e melhorar o acesso à infraestrutura e ao conhecimento para mais pessoas.

Tal programa resultou na capacitação de vários docentes, sendo que alguns poucos permaneceram no DG e outros, provenientes de outras IES ou institutos de pesquisa, para lá retornaram e disseminaram o que aprenderam, formando uma grande rede de pesquisa e en-

sino, quando essa prática era pouco difundida no Brasil.

Mais de 30 mestres e doutores formaram-se sob sua orientação direta e que hoje se encontram na maioria em diversas instituições de ensino e de pesquisa do país, avançando e tentando fazer da atividade acadêmico-científica um caminho, tendo alguns se tornado famosos.

É nessa fase também que, preocupado com uma aplicação mais objetiva dos resultados da pesquisa, ele retoma contatos antigos com o IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, onde já influenciara uma geração de geólogos, mais especialmente Fernando Ximenes Salomão, o Ximenão, Antonio Manoel dos Santos Oliveira, o Mané e o então jovem Fernando Kertzman, o Fredy, que consolidaram esse novo modo de pensar e trabalhar o solo, numa perspectiva de aplicação ao controle preventivo e corretivo de processos ligados a impactos ambientais urbanos e rurais, como erosão, assoreamento em barragens e uso intensivo de solos com sinais evidentes de compactação e suas conseqüências desastrosas para a agricultura. Agregaram-se nesses temas e temas ou áreas afins novos colegas como Lezir Ferreira, Antonio Feltran, Samuel Lima, Márcio Rossi, além de vários outros.

Esse segundo programa, como o primeiro, também resultou num evento final, desta vez realizado na França, em *Caen*, 1991, com o apoio da *Association des Géographes Français* e da *Association Française d'Etude du Sol*, organizado pelo *Centre de Géomorphologie du CNRS*, o *Laboratoire de Science du Sol - ENSAR/INRA, Rennes* e o Departamento de Geografia da FFLCH da USP.

Mas há que se lembrar que o Prof. Queiroz não foi apenas o inquieto pesquisador e orientador de trabalhos científicos ou fomentador de novos grupos. Um segundo conjunto de atividades se somava a este primeiro, que acabo de relatar, valendo ressaltar que os dois jamais o dividiram....

Assim, paralelamente, desempenhou papel importante em termos de resistência aos padrões de universidade imposta pelo governo federal, após 1964, participando ativamente das curtíssimas comissões

paritárias da USP e atuando em particular na FFLCH e no DG, onde trabalhou ativamente pela reforma estrutural deste, e igualmente pela reforma curricular do curso de Geografia, implementada a partir de 1969 e que permaneceu com pequenas alterações até meados dos anos 80, influenciando algumas gerações de geógrafos(as), hoje alguns bastante conhecidos do meio acadêmico-científico.

Através da proposição de uma nova estrutura universitária e, em particular na FFLCH e no DG, ele lutava por ampliar e melhorar a formação de cidadãos mais críticos e atuantes na sociedade em geral, e em particular na Geografia. Nesta ele procurava contribuir para tornar os(as) geógrafos(as) mais capacitados(as) para melhor entender o meio físico das paisagens tropicais e os seus recursos naturais, numa perspectiva integrada entre a natureza e a sociedade, de forma que pudessem atuar também de modo mais propositivo.

Pouco ou quase nada se falava sobre a questão ambiental nessa época no país, pois estávamos ao final dos anos 60 e início dos 70, mas ele estava atento ao assunto que emergia pouco a pouco no cenário científico e político internacional, assunto que ele já abordava em seus cursos e discursos, pelo fato, segundo ele, de necessitar de uma discussão tão crítica e integrada quanto possível dos modos como a sociedade se organizava, portanto, numa visão que excedia o meio físico em si. Foi com essa coerência que participou ativamente de eventos e movimentos, tais como, por exemplo, o *Estocolmo 72 x Cubatão 82*, a luta contra a construção do aeroporto de Caucaia, contra a instalação de fábrica de papel e celulose no vale do Paranapanema, contra as ações governamentais na Amazônia, como o programa Grande Carajás e tantos outros, em boa parte ligados a comissões especiais de estudos ambientais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, SBPC.

Foi com essa postura crítica e atuante que ministrou disciplinas na graduação, na pós-graduação e coordenou o Laboratório de Pedologia do DG até 1994. Ainda do mesmo modo é que foi o último diretor do Instituto de Geografia da USP, antes de sua extinção em

1986, e foi chefe do DG de 1983 a 1985. E que, igualmente, participou de inúmeras comissões internas e instâncias da própria USP e fora dela, inclusive da ADUSP, bem como de projetos onde, perspicaz, questionava a concepção de projetos ditos e tidos como *ambientais*.

Desse modo também atuou através de assessorias, seja junto a agências de fomento à pesquisa como CNPq e FAPESP, seja junto a outras instituições como CONDEPHAAT, SEMA, INPE, CONSEMA, IEB, FUNDEP, IF, CETESB, SUDAM. E foi assim que participou da AGB – a Associação dos Geógrafos Brasileiros, sempre questionando as ações e práticas públicas ou privadas por ele consideradas inadequadas ao bom exercício da cidadania e da soberania dos povos, sem jamais deixar de ser propositivo. Por exemplo, ao se posicionar contra os projetos governamentais na Amazônia, quando poucos se preocupavam com seu desmatamento que já se anunciava acelerado e inconseqüente nos anos 70, como podemos confirmá-lo cotidianamente até hoje, ele já estava certíssimo, revelando sua visão em longo prazo.

Aliás, metaforicamente falando, ao deixar tempo às pessoas, como ao vinho, acreditava na qualidade do resultado. Aí sempre residiu sua esperança e a renovação de seu fôlego.

Foi ainda professor colaborador de várias IES, dentre elas a UFSC, UFBA, UFMS, da *Université de Caen*, na França, onde desenvolveu o projeto *Sols, Relief, Hommes* e mais tarde o *Sols, Relief et Société* e do *Consejo Superior de Investigaciones Científicas*, Espanha, onde desenvolveu projeto sobre as *Rañas*.

Participou de mais de uma centena de bancas acadêmicas, publicou mais de 200 trabalhos diversos, coordenou 10 eventos, dentre os quais um terço internacionais, inclusive presidindo grupo de trabalho para a Reunião da União Internacional de Geografia em nível local - São Paulo, de 1982, e organizando a 50ª. Reunião Anual da SBPC, em 1992, sociedade esta da qual era secretário regional, e pela qual foi homenageado. Foi também homenageado pelo Departamento, hoje Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, em 1999, e pela

União da Geomorfologia Brasileira, em 2000, como mestre reconhecido na arte de ensinar pedologia e suas relações com a geomorfologia e com a paisagem, fosse pretérita ou atual. Mas ele não aprecia contabilizar, porque jamais se importou em contar, qual foi sua produção, sua meta jamais foi essa, sempre desqualificando esse tipo de discussão. Entretanto, já foi capaz de admitir publicamente que não pensa mais o que escreveu há tempos atrás sobre um tema qualquer...

Aposentou-se em 1995, mas não do ensino de pós-graduação no DG, e tampouco da pesquisa, pois que, após alguns anos já estudando o Pantanal, acaba de iniciar novo convênio internacional mediado pelo Acordo Capes x Cofecub, sobre essa bela região. Estão lá ex-orientandos como o Arnaldo Sakamoto, da Universidade Federal de Três Lagoas (MS), as Profas. Sônia Furian e Rosely P. D Ferreira colegas do DG e Laurent Barbiero, do IRD, além de orientandos atuais ou recém titulados mestres como, Sheila Furquim, Benjamim Capellari, Ermínio Fernandez, Rosângela Garrido, Luciana E. Rodela a fazer seus doutorados, além de Déborah de Oliveira, dentre outros, estudando outras áreas próximas de outros tipos de águas salgadas como as do mar, aprendendo com ele, como o fizeram os das gerações que os antecederam, sempre com um novo ou renovado olhar.

As áreas mudaram e continuam mudando, os orientandos também. Mas o mestre continuou a ensinar como sempre o fez. O trabalho de um mestre é ensinar várias gerações sucessivas com a mesma disposição e ele fez e ainda faz isso. Com o mesmo interesse, desta vez dirige seu olhar sobre os solos e as lagoas e a respectiva qualidade de suas águas, lado a lado intrigantemente doces e salgadas, separadas por *cordilheiras*, no dizer local deste belo pedaço sul-americano que é o misterioso Pantanal. Pantanal este que ele há muitos anos atrás já se referia como *Patrimônio da Humanidade*.

Como se pode constatar, a aposentadoria foi um mero acidente de percurso...

Se pudéssemos resumir em poucas palavras quem foi e ainda é

este professor, poderíamos dizer que foi verdadeiramente *um professor*. Dedicado, inquieto, exigente, com rigor científico e humano, inclusive consigo próprio, buscando igual rigor, também para o controle da emoção, no mais das vezes com grande sofrimento. Solidário com a dor dos amigos e inúmeras vezes solitário na sua dor. Nesses momentos o professor sempre sobrepujava o homem.

Acima de qualquer outra coisa, um professor atento à realidade do mundo que questionava, antecipando problemas ambientais e indelevelmente sociais que antevia graves, como se pode assistir hoje. Ele tinha e tem razão. A cisão sociedade – natureza aconteceu de modo acelerado e sem precedentes no século passado por assim dizer, com inquestionável poder nefasto sobre os homens.

Quando poucos se dedicavam a compreender esse litígio, ele já se preocupava com isso, há quase 40 anos atrás. Começou por alimentar suas inquietações e a buscar respostas, tendo como chão o solo e sua compreensão mais profunda e conseqüente. Prosseguiu atuando nessa realidade do mundo pelo qual e para o qual ele procurou ensinar a pensar e a trabalhar criticamente, de modo absolutamente pessoal e intransferível. Ele foi, antes de tudo, um mestre hábil em instigar e ousar um permanente pensamento crítico, como única forma de se trabalhar e produzir com dignidade, neste planeta tão conturbado.

Tentando resumir em poucas palavras, o que não é fácil porque não se traduz uma vida dessa maneira, mas que coloco como uma síntese muito pessoal de meu convívio com ele nestes últimos 32 anos, posso dizer que ele foi e é:

Um professor que aprendeu muito ensinando, mas que ensinou muito mais a aprender.

Um pesquisador exigente, rigoroso na crítica e mais ainda na autocrítica.

Um pensador de livre pensar, movido a novos olhares sobre velhos problemas.

Um cientista corajoso, o suficiente para não temer novos

paradigmas.

Um cidadão atento às mudanças do mundo, fiel aos seus princípios, mas sem medo de mudá-los, quando convencido de qualquer equívoco.

Um amigo solidário na dor dos amigos embora muitas e muitas vezes solitário em sua própria dor.

Um militante apaixonado, orador de longas orações, comumente portador de precisão cirúrgica em suas análises, mas confiante no trabalho em comum.

Um companheiro esperançoso de um novo tempo e de um mundo novo.

Um homem que não abriu mão de ser o que é.

Por isso, o DG, a FFLCH e a USP como um todo, muito ganharam com este integrante de seus quadros, como também os(as) numerosos(as) colegas, ex-alunos(as), orientandos(as) e co-orientandos(as). Eu, como sua ex-aluna de graduação, ex-orientanda de iniciação científica, mestrado e doutorado, companheira do Laboratório de Pedologia, de todos os convênios aqui relatados, além de amiga, pude testemunhar a maior parte de sua trajetória durante estes últimos 32 anos de convívio, dos mais de 40 que ele trabalha.

Fui quem teve a honra de ser indicada por esta Congregação e pelo Conselho do Departamento de Geografia a falar nesta data, o que fiz acreditando ser o mais fiel possível à história e como homenagem seguramente partilhada por todos aqueles que tiveram o privilégio de conviver com ele e que gostariam de estar aqui em meu lugar. Procurando sintetizar fatos e processos, certamente emprestei-lhes minha leitura pessoal, mas o fiz com o coração, mais do que com a razão, e com todo o respeito e admiração do que ele é indiscutivelmente merecedor.

Por fim, ao nosso Emérito Mestre Queiroz nosso melhor carinho e a mais sincera gratidão.

Pela Congregação da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências

Cerimônia de Outorga do Título de Professor Emérito

Humanas da Universidade de São Paulo, o Departamento de Geografia e o Laboratório de Pedologia.

Em São Paulo, aos Vinte e Oito de Agosto de Dois Mil e Três.

DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA ENTREGA DO
TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO

SALTOS E RESSALTOS DE UMA CARREIRA ACADÊMICA

Manda a praxe que esta peroração se inicie com saudações aos componentes da mesa, a partir do Magnífico Reitor, seguido do Diretor desta ilustre e histórica casa de ensino, infelizmente hoje apelidada de FEFEELECHE, depois à Chefe do meu Departamento de Geografia (estendo minha gratidão aos colegas que ousaram me colocar nesta situação). Dirijo meus especiais agradecimentos à colega e amiga **SELMA SIMÕES DE CASTRO**, responsável pelos encômios e panegíricos contando feitos e malfeitos deste desvanecido, loquaz mas humilde servidor. Através dela, dirijo meu reconhecimento aos inúmeros companheiros d'aquém e d'além-mar, que fizeram-me companhia nesta prazerosa travessia de mais de 5 décadas: incluo aí alunos e ex-alunos. Depois deve vir a menção à sempre querida família, à **SID**, esposa companheira de todas as horas, aos descendentes **STELLA** e seu consorte **JOÃO PAULO**, com os dois filhos **ALICE** e **ANDRÉ**, ao **JOSÉ** que tem o pesado encargo de carregar o nome de bisavô, o **ZEZINHO**, e à **HELENA** que, mesmo não sendo de Tróia, sempre achará seu Páris: souberam ter paciência para aturar meus bons e maus momentos. Saudações especiais aos colaterais, irmãos, cunhados e cunhadas, sobrinhos, sobrinhas, maridos e netos: é tanta gente que não arrisco dar nomes para não esquecer ninguém. Só então entra o tradicional **MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES**.

Tenho a impressão que, nestas ocasiões dever-se-ia perorar dando mostras de erudição, como que a dizer para a platéia que chegamos aqui por nosso valor e saber. Como isso não faz meu gênero, depois de muito matutar resolvi convidar-vos a refletir sobre alguns fatos, inclusive de minha vida e de vidas alheias, a modo de ilustrar o que fui e o que sou, sem nenhuma preocupação de saber, antecipadamente, o que serei.

Em verdade, em verdade vos digo, não seria esta a primeira vez que sentaria nesta cadeira dos réus, para falar de minha vida: quando da preparação dos memoriais entregues obrigatoriamente aos concursos de Livre Docência, Adjunto e Titular, procurei encontrar algum sentido na carreira profissional, verificar se havia um fio condutor que explicasse o caminho trilhado.

Mas de verdade mesmo, só fui refletir mesmo ao ser convidado para participar da mesa de abertura da PRIMEIRA SEMANA DE LETRAS desta Faculdade, em 1990. As LETRAS teriam sido importantes na minha vida? Seriam importantes para a sociedade? Precisava responder a essas questões porém não antes de entender porque este pobre mortal fora convidado a participar. Como disse naquela ocasião, essa temeridade sem fundamento talvez tenha sido cometida pela Comissão Organizadora para tentar diminuir o desequilíbrio entre os JOÕES e JOSÉS que compunham a mesa: **JOÃO LAFETÁ, JOÃO BAPTISTA BORGES PEREIRA e JOÃO ALEXANDRE BARBOSA** contra **JOSÉ CARLOS GARBUGLIO e JOSÉ GOLDENBERG**: mesmo comigo, seria 4 a 3 contra os JOSÉS. Encontrada a explicação inicial, fiquei mais tranqüilo e pude pensar no fundamental: no que e como as LETRAS podem participar da vida da sociedade.

Meu primeiro contato com um Geógrafo, fora das salas de aula do ginásio e colegial, foi com o **Prof. FRANCIS RUELLAN**, devido ao estágio que fiz em DINARD, em janeiro de 1956, por indicação do **Prof. LEOPOLD BERTHOIS**, do Laboratório de Sedimentologia da **Ecole Nationale Supérieure Agronomique** de RENNES, onde trabalhava.

Mas não era bem por aí que queria iniciar: depois de estudar

Agronomia, de trabalhar como Engenheiro-agrônomo no meio do mato, em Maringá, ganhei em 1955 uma bolsa de estudos do Governo francês e, assim, fui parar naquele Laboratório. Não sei por que cargas d'água, alertaram-me que na USP havia um Instituto Oceanográfico (novidade para mim) e por causa do estágio com **BERTHOIS**, talvez não fosse difícil conseguir um lugar. Confesso que, apesar do encanto da localização do IO naquela grande casa rodeada de imensas figueiras, na alameda Eduardo Prado, essa possibilidade não me embalou: não me seduzia, então, a idéia de transformar-me em embarcação.

Mercê de ter trabalhado, ao mesmo tempo, com formação de açucares por algas verdes no Laboratório do **Prof. SERGE VILLERET**, encantou-me a possibilidade de trabalhar com Fisiologia Vegetal. Havia conhecido o filho do casal **JOLIOT-CURIE** que, por sua vez, estagiara com **WARBURG** na Alemanha, na época uma das grandes sumidades na fotossíntese. Fui atrás dessa possibilidade, porém foi-me sugerido que procurasse apoio na ORSTOM, em Bondy subúrbio de Paris, e procurasse um de seus diretores, o **Prof. GEORGES AUBERT**. Foi a sorte ou o azar: ele convenceu-me que para poder compreender as relações solo-planta, meu objetivo central, era preciso conhecer o solo: intimou-me a seguir, em Bondy, o curso de Pedologia se quizesse ter seu apoio. Aceitei e ganhei um “guru”.

Daí surgiu o segundo contato com um Geógrafo, o **Prof. PIERRE MONBEIG**.

Foi o início da caminhada que trouxe-me até aqui.

Porém, antes de entrar de rijo nessa questão, lembro-me de outros sonhos do que ser quando crescesse. O primeiro, com certeza, aconteceu no Rio de Janeiro: queria ser ALMIRANTE. Sim senhor, ALMIRANTE graças à uma visita organizada por **tia CARLOTA** à gloriosa armada nacional, ancorada no porto, valendo ingresso em submarino. Era uma beleza ver os mariscos perfilados, batendo continência para aquele cidadão todo de branco, com alamares dourados, quépi enfeitado. Tinha meus seis a sete anos e via passar diariamente pela rua Paissandu o Getúlio em carro aberto: lá de cima do apartamento vinha

uma vontade imensa de cuspir, ver se acertava. Nunca o fiz e, por outro lado, meu destino não era ser embarcado.

Outro sonho, pouco mais tarde, foi ser fazendeiro, plantar café e criar gado de leite, graças às férias passadas na fazenda de **tia BEBÉ e tio PENTEADO**. Éta vidão! Mas isso me fez ir para a gloriosa *LUIZ DE QUEIROZ* e sair de lá agricolão.

Enfim, vamos aos fatos. Devo de dizer-lhes que o ano da graça de 2002, segundo ano do terceiro milênio, o que em si não significa grande coisa (que milênio é esse? o do cristianismo?), foi mui especialmente marcado por alguns acontecimentos de mais elevada magnitude, e espero que tenhais ouvidos complacentes para ouvir sobre eles este singelo relato: a prolongada greve dos estudantes solicitando mais aulas e mais professores; a eleição do ex-metalúrgico **LULA** para Presidente da República; a medalha de ouro que, com meus colegas de turma, recebemos pelo cinquentenário de nossa formatura na ESALQ e enfim, “*the last but not least*” este galardão com que acabo de ser aquinhoado.

Em primeiro lugar, porque diz respeito diretamente ao estado de saúde de nossa tenda de trabalho (alguns dizem de sofrimento): a inusitada e prolongada greve dos estudantes da FFLCH solicitando mais aulas e mais professores (estudante exigir aulas e professores? É de pasmar! Outros tempos, outros costumes). Não podemos diminuir o acontecido como coisa de estudante, já que tiveram a ousadia e a altivez de levantar o véu com que se procura mascarar o retrato inconcluso da penosa caminhada, cheia de tropeções, da universidade pública brasileira e da USP em particular. E fiquei mais encantado quando vieram me convidar para orar no comício em frente à Escola Normal da Praça, monumento do positivismo que chegou com o início da República. Ah, há quanto tempo não me era dado participar de manifestação desse tipo! E me fez lembrar com saudades da greve do **Maluf** (a famosa do 70%+2, quando só ganhamos o 2), foi a primeira grande greve depois da ditadura militar: no primeiro dia, grande manifestação planejada em frente à Assembléia. Fazendo parte do comando de greve, fora encarrega-

do de velar sobre o fechamento total da Cidade Universitária. Conseguimos fechar até o Tio Patinhas, que não pertencia à USP. Quando saímos fiquei com a impressão de que, como os últimos a sair, só faltava apagar as luzes e fechar a porta: grande greve aquela! Os pouco mais de 20 anos de intervalo entre uma e outra greve, mostraram-me que meu espírito ainda era capaz de acompanhar o bom combate.

Voltando mais atrás no tempo, lembrei-me de memorável greve de estudantes da ESALQ (estava no segundo ano e também fazia parte do comando, talvez minha sina) contra o governo Ademar de Barros, pela isonomia salarial dos portadores de diploma universitário. O Engenheiro-agrônomo ganhava 2/3 do salário de advogados, médicos e outros engenheiros. Recusamos a proposta de obter a equiparação através do aumento do preço das sementes vendidas pela Secretaria da Agricultura. Já naquela época eu trazia comigo a semente do grevismo: fazer greve era comigo mesmo.

Convido-os a pensar um pouco comigo na atual crise da Universidade. Sua gestação foi lenta e tardia, durante 100 anos desde a instalação dos cursos jurídicos em 1827, passando pela instituição das Medicina, Engenharia, Agronomia até a criação da USP em 1934. O projeto político montado pela burguesia paulista revelou-se um sucesso: buscava instrumentar as novas necessidades econômicas, sociais e políticas do país que anteviam, decorrentes das transformações de uma sociedade agrária para a urbano-industrial:

“a organização e o desenvolvimento da cultura filosófica, científica, literária e artística constituem as bases em que se assentam a liberdade e a grandeza de um povo”; “somente por seu instinto de investigação científica de altos estudos, de cultura livre, desinteressada, pode uma nação moderna adquirir consciência de si mesma, de seus recursos, de seus destinos”; “a formação das classes dirigentes, mormente em países de populações heterogêneas e costumes diversos, está condicionada à organização de um aparelho cultural e universitário, que ofereça oportunidade a todos e processe a seleção dos mais capazes”.

O decreto define também seus fins, assinalando que ela deve *“formar especialistas em todos os ramos da cultura e técnicos e profissionais em todas as profissões de base científica ou artística”,* além de *“realizar a obra social de vulgarização das ciências, das letras e das artes”.*

Era a trilogia que marcou a atuação da USP e suas congêneres brasileiras: os donos do poder definiram que a Universidade deveria formar um amplo leque de profissionais, para atuar nos diversos setores da economia (indústria, comércio, agricultura, saúde, etc.) e da educação (ensino de todos os graus, inclusive o universitário), além de preparar quadros competentes para compor as classes dirigentes do país.

A Universidade, em curto espaço de tempo, disse ao que veio. Sua espinha dorsal, a nossa **FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS** (pela qual fui inicialmente contratado), rapidamente forneceu os professores de Física, Química, Matemática, Biologia, Francês, Inglês, Latim, Português, História, Geografia, Filosofia, para o preenchimento das vagas abertas pela grande expansão da rede pública de ensino. Estávamos no início da década de 40, sob uma ditadura.

Outra resposta foi a formação de profissionais com especializações variadas, atendendo a expansão de organismos estatais e instituições de pesquisa (Butantã, Biológico, Agrônomo, Adolfo Lutz) e a ampliação do mercado de trabalho, conseqüente à expansão industrial e urbanização acelerada do país, envolvendo diversas modalidades de Engenharia, Física, Química, Matemática, Biologia, etc.

Sem dúvida, nossa Universidade alcançou seu mais espetacular sucesso na preparação dos quadros para as classes dirigentes do país. Como exemplo, mesmo antes da década de 60, apenas 20 e poucos anos após a sua fundação, docentes e diplomados já começavam a ocupar lugar de destaque no cenário político nacional. Mas é após a década de 60 que começam seus emergentes a ocupar mais e mais cargos que vão de Vereadores a Senadores e de Prefeitos a Presidente da República, passando por Governadores e Ministros de Estado. Para refrescar nossas memórias, houve um ex-docente saído desta casa na Pre-

sidência da República, um ex-reitor e um ex-vice-reitor, ambos ex-diretores da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, que foram Ministros da Justiça (!!) na ditadura militar, um deles assinante e autor do AI-5; nessa idade média nacional, um ex-reitor da UFPR foi Ministro da Educação e um Delfim não chegou a reinar, mas ditou ordenações na Economia; enfim, entre **Collors** e **Malufs**, inúmeros outros ex-estudantes lustraram com seus assentos os bancos universitários, antes de se transformarem em homens muito públicos.

A crise política que grassava na sociedade brasileira na década de 60, não deixou impune a Universidade: além de ver estudantes e professores presos, torturados, desaparecidos ou mortos. A intervenção se fez sentir na reforma implantada, como sugerido pelo acordo MEC/USAID e outros. Essa reforma universitária provocou a pulverização das Faculdades de Filosofia, criando institutos especializados mas, ao mesmo tempo, a substituição da antiga estrutura de poder dos Professores Catedráticos por Conselhos ampliados

Manteve-se a Universidade Pública estatal e gratuita, apesar das ameaças em contrário, e a estabilidade de professores e funcionários. Na USP a implantação de rígida carreira docente, baseada em concursos às vezes pesados, acabou por criar critérios de excelência, sem dúvida um dos principais responsáveis pelo nível elevado do seu corpo docente. A UNESP e a UNICAMP herdaram a rigidez na carreira universitária com sucesso. Nas Universidades federais a carreira baseada em seleção por competência, quase foi rompida pela malfadada tentativa de implantação da promoção por tempo de serviço, na passagem de um Coronel/General como Ministro da Educação.

O segundo sucesso da Universidade brasileira decorre da implantação da pós-graduação, fundamental para sua expansão e reprodução.

O instrumento inicial foi a criação da **CAPES** pelo MEC: essa campanha visava a formação acelerada de docentes-pesquisadores, da qual fui beneficiado em 1958. Sem estrutura adequada no país, docentes e pesquisadores eram enviados para a Europa ou para os Estados

Unidos em busca de especialização e aperfeiçoamento. Pouco depois e ainda marcando a intervenção do Estado foi criado o **CNPq**, para incentivar e amparar o desenvolvimento da pesquisa. Criou-se em São Paulo a FAPESP, instituição modelar com objetivos similares ao CNPq.

Esse processo de formação acelerada de docentes-pesquisadores possibilitou ao MEC, no final da década de 60, instituir um projeto nacional de pós-graduação. O sucesso da implantação da pós-graduação é evidente: rapidamente formou um número expressivo de docentes/pesquisadores em todas as áreas do conhecimento. Fato provavelmente único no mundo, em menos de 3 décadas o país torna-se praticamente auto-suficiente na formação/especialização de pesquisadores e professores do terceiro grau. O programa da CAPES de apoio à pós-graduação com bolsas de estudo, muda de rumo: não é mais para o exterior que enviam-se docentes/pesquisadores em busca de formação/aperfeiçoamento, mas para centros brasileiros mais avançados.

Outra marca do sucesso desse projeto: cerca de 80% do conhecimento gerado anualmente no país provém das Universidades públicas estatais, sejam federais ou estaduais. De longe a maior parcela é produzido na pós-graduação: o processo de formação/aperfeiçoamento dos docentes/pesquisadores, vinculado ao desenvolvimento de projetos institucionais de pesquisa, mostra o acerto desse direcionamento.

Porém, todas as histórias sempre tem um porém, criou-se um novo curso não acompanhado de condições para a expansão do corpo docente, sobrecarregando os que já lá estavam com novas funções. Provavelmente esse é um dos fatores que favoreceu a eclosão da crise atual da nossa Faculdade. Há outros que se acumularam no tempo: a degradação salarial do corpo docente e dos funcionários; em muitos casos a degradação de instalações e equipamentos, pois as verbas orçamentárias não progrediram com o desenvolvimento das instituições; a penúria cíclica das agências de fomento, principalmente CAPES e CNPq atingindo desta vez até a FAPESP.

Acresce nestes últimos tempos, a espada de DAMOCLES das

mudanças na im-Previdência Social, pendurada sobre nossas cabeças. Essa im-previdência gerou um mar de aposentadorias não raro intempestivas. Na USP calculou-se cerca de 1.000 desembarques de docentes da ativa para a inativa em dez anos (algo em torno de 20% do total) sem que houvesse reposição. Em tempo, não esqueçamos que, para efeitos legais da burocracia nós somos cognominados inativos. Na esfera federal a cousa esteve também braba: avaliou-se que, no início do ano, haveria algo como 8.000 claros(vagas) nos corpos docentes das Universidades: esses corpos parecem mais doentes do que docentes.

E agora, José? Será que a festa acabou, que a Universidade vai parar? E agora, José? Ah, velho **DRUMMOND**, me ajude a impedir que a luz se apague e que o povo vá embora. O que é que fizeram para que esse sistema vitorioso passasse por crises seguidas, das quais a atual parece querer assinalar que o nosso sistema educacional está em decomposição?

A sociedade brasileira atravessa uma crise causada pela “modernização-globalização” da sociedade: em decorrência, intensificam-se movimentos populares nas ruas, nas greves, nas ocupações de latifúndios, de prédios nas zonas mais centrais das cidades. No desmanche do pacto social anterior, a burguesia nacional passa a negar o papel interventor do Estado mas não, contraditoriamente, sua função centralizadora. O lema atual é desconstruir, desindexar, desmontar e privatizar todos os setores em que a economia de mercado estaria, “soi disant”, melhor aparelhada para operar (mesmo que o “soi disant” possa constituir-se em “mal disant”). Esses setores haviam sido montados com a poupança interna, na fase anterior de forte intervenção do Estado na economia.

Mas esse processo parece ter nascido torto e crescido caolho: o olho “saudável” enxerga apenas o desmonte para privatizar, enquanto o outro olho finge que não vê o que ocorre nos setores onde ainda é aceita a intervenção do Estado: Saúde e Educação. Com isso está se esvaindo a esperança de implantação de um país voltado para o bem

estar social, como era pretendido até bem pouco tempo atrás.

É preciso pensar um pouco sobre as questões que caracterizam a situação atual da educação nacional: além dos minguados caraminguás que recebem os professores de todos os graus, mestres e doutores, a situação material das escolas públicas do ensino fundamental e médio é má; a formação dos professores para esses graus de ensino é deficiente, mercê do abastardamento da maior parte das Universidades privadas que são hoje as formadoras desses docentes. Os resultados são claros: mesmo com todas as críticas que possam ser feitas ao provão, ele mostra que os melhores cursos em todos os setores do conhecimento estão nas Universidades públicas, isto é, de onde os estudantes obtêm melhor formação.

Seria necessário refletir sobre qual Universidade nossa sociedade requer qual Universidade queremos e, melhor ainda, que tipo de sociedade queremos? Esta última pergunta pode parecer piada mas não é: quanta gente não prefere ir diretamente morar na matriz (leia-se Miami) do que ficar aqui? Será porque a Universidade de lá é melhor que a daqui? ou, ou, ou.....

Passemos a outro grande evento de 2002 que foi, sem dúvida, a eleição para Presidente da República de um ex-retirante, ex-metalúrgico, barbudo, de poucos estudos formais mas que, em exíguos 20 anos, liderou a construção do mais importante partido político brasileiro, à margem dos benefícios ou benesses, dos bafos, bafejos ou bafios malsãos dos poderes públicos ou privados. Sua eleição como que contraria o que havia dito antes sobre o papel da Universidade na formação das elites dirigentes do país.

Como homenagem ao Presidente **LULA**, sua eleição pareceu responder aos versos cheios de esperanças de outro grande nordestino, o **PATATIVA DO ASSARÉ**, em “Eu quero”:

“Quero um chefe brasileiro
fiel, firme e justiceiro

capaz de nos proteger
que do campo até a rua
o povo todo possua
o direito de viver

Quero paz e liberdade,
sossego e fraternidade
na nossa pátria natal
Desde a cidade ao deserto,
quero o operário liberto
da exploração patronal

Quero ver do Sul ao Norte
O nosso caboclo forte
trocar a casa de palha
por confortável guarida
Quero a terra dividida
Para quem nela trabalha

Eu quero o agregado isento
Do terrível sofrimento
Do maldito cativo
Quero ver o meu país
rico, ditoso e feliz,
livre do jugo estrangeiro.

A bem do nosso progresso,
quero o apoio do congresso
sobre uma reforma agrária
que venha por vez
libertar o camponês
da situação precária.

Finalmente, meus senhores,
quero ouvir entre os primores
debaixo do céu de anil,
as mais sonoras notas
dos cantos dos patriotas
cantando a paz do Brasil

Mas será preciso que as luzes da esperança que brilham nos céus deste país possam refulgir também sobre a educação nacional, em todos os níveis, inclusive o terceiro, porque como disse o filho do **SERGIO BUARQUE** numa de suas canções:

“A cousa aqui tá preta”

A esperança ainda é grande, apesar de muitas vezes morrer de velha, mas tenho fé de que o perigo seja conjurado, para não ter que cantar o “Seu dotô me cunhece?” do **PATATIVA DO ASSARÉ**:

“Senhô dotô num se enfade
Vá guardando esta verdade
Na memória, e pode crê
Que eu sou aquele operário
Que ganha aquele pobre salário
Que num dá nem pra comê

Sou o sertanejo que cansa
de votá com esperança
do Brasil fica mió;
Mas o Brasil continua
Na cantiga da perua:
Que é: - pió, pió, pió...”

Outra efeméride diz respeito à medalha de ouro que, com meus colegas de turma, recebi pelo cinquentenário de formatura. Essa efeméride estava predestinada, prevista desde 50 anos antes, não entrando aí nenhum mérito pessoal, a não ser o de ter sobrevivido até 2002.

Como é de hábito, a cada quinquênio transcorrido as turmas da ESALQ se reúnem no sábado mais próximo do dia nacional do engenheiro-agrônomo, 17 de outubro. Grande festa, com missa e visita à árvore plantada no parque, sessão solene com a chamada dos formados e os palanfrórios de praxe. Há sempre uma homenagem especial à turma mais antiga presente: deste vez foi uma homenagem especial ao Professor Emérito Dr. **WALTER RADAMÉS ACCORSI**, da turma de 1933, por suas atividades de pesquisa em Botânica, principalmente em plantas medicinais e fitoterapia (lembra-se quando se falou do uso da casca do ipê roxo - pau d'arco ou piuva para combater o câncer? pois é, o Professor **ACCORSI** não me perdoaria se eu não citasse pelo menos a posição na família Bignoniácea, gênero *Tabebuia*, onde se encaixam os nossos Ipês).

Não posso deixar de lembrar que alguns dos hoje aqui presentes estavam lá, há 50 anos atrás: Maria Isaura, Angelina, Ruy, Beatriz e Manoel; Vera está momentaneamente na Islândia.

Mas a gloriosa ESCOLA AGRÍCOLA estava muito longe da Geografia. Vamos encurtar o caminho.

A última efeméride é mais instigante: a outorga do título de Professor Emérito pela FFLCH por indicação do seu Departamento de Geografia, onde labuto há quase 40 anos: é a láurea máxima, inestimável, conferida a um professor.

Emérito? segundo o inefável **AURÉLIO**, trata-se de adjetivo significando 1. jubilado; 2. muito versado numa ciência ou arte; sábio, insigne, douto.

Pois bem, em relação ao primeiro significado, o meu colaborador acerta, pois jubilado eu sou porém, é preciso que se diga, por tempo de

serviço, que não quero ver meu jubramento confundido com outros que andam por aí.

O segundo significado de emérito parece mais complicado, pois se sou muito versado numa ciência ou arte, se aprendi muito e fiquei sábio ou douto, acho que não sou plenamente insigne, já que por ser (ou estar?) jubilado há algum tempo, não posso ser acoimado de insigne ficante.

Este momento acabou gerando certa perplexidade, não no sentido da indecisão, da dúvida, da hesitação e da irresolução (mais uma vez estou recorrendo ao **AURÉLIO**), mas do espanto, da admiração e do pasmo (mas sem muito exagero senão pode virar pasmaceira).

Medalha de ouro e diploma estão sendo de grande utilidade pois, além dos seus valores intrínsecos, me obrigaram a pensar na vida. É claro que não se trata do caminho universal percorrido inexoravelmente por todos nós, e com final predestinado. Não, nada a ver com o ventre materno, que é o começo, e com o pó, ou as cinzas, que é o final de todos os destinos. Mais uma vez, não: trata-se simplesmente de pensar no percurso acadêmico, que não foi predestinado mas acabou marcado pelo tempo de serviço, como para qualquer funcionário público. Só que aqui a caminhada foi coroada por esta láurea: é aí que está a questão: como cheguei?

Em primeiro lugar, é óbvio, devo ao Dr. **MANECO ELPIDIO** e à Dona **MARIA** a honra de ter fechado a penca de filhos (com chave de ouro segundo o velho, ao me apresentar a seus amigos). Vim a este mundo numa casa rodeada de mato por todos os lados menos por um, a rua Bahia sem calçamento. De lá pude acompanhar (apesar da tenra idade) a construção do Estádio do Parque Ambu, onde mais tarde iria assistir memoráveis jogos de futebol, algumas vezes com meu Pai (inclusive aquele do famoso gol de bicicleta do incomparável **DIAMANTE NEGRO**). Que foi uma honra pertencer a essa família só percebi mais tarde, quando conheci e aprendi a admirar, além dos meus pais e meus irmãos em especial, **MARIA ISAURA**, portadora da chave de ouro que abriu a seqüência dos filhos. Pelo menos até a adolescência ser o mais

moço mais incomodava do que honrava: não podia acompanhar meus dois irmãos mais velhos em suas travessuras e aventuras, como por exemplo quando compraram uma motobicicleta. Com as irmãs as relações eram mais simples, pois não continham nem inveja, nem emulação.

Já falei dos primeiros contatos com os Geógrafos **franceses**, grandes conhecedores do Brasil, mas que naquele momento não me impressionaram tanto, porque o que eu queria era a Pedologia.

Voltando ao Brasil tive um contato importante com a Geografia. O Chefe da Seção de Agrogeologia do Instituto Agrônomo, **ALCYR CESAR DO NASCIMENTO**, ao ver-me em apuros para entender as formas de relevo da região onde estava realizando levantamento de solos, entre Rio Claro e São Carlos, aconselhou-me a procurar o professor **AZIZ NACIB AB'SABER** da PUC de Campinas. Este, muito gentilmente encaminhou-me para seu assistente, **ANTONIO CHRISTOFOLETTI**, tendo nascido aí uma amizade e um companheirismo de trabalho. Comecei a entender o que era Geomorfologia e o que um geomorfólogo de extração geográfica era capaz de fazer.

Terceiro ato: volto à França em 1962, sob convite de **PIERRE MONBEIG** para acompanhar o curso “ÉTUDE TECHNIQUE DES MILIEUX NATURELS DES AMÉRIQUES LATINES”, no Instituto de Altos Estudos da América Latina. Fui colega de **LUIZ DE MELLO RODRIGUES**, professor do Departamento de Geografia. Assistimos também o curso GEOGRAFIA AGRÁRIA DAS REGIÕES TROPICAIS, outra vez de **PIERRE MONBEIG**: o cerco estava se fechando.

De novo no Instituto Agrônomo, fui convidado para participar da elaboração da monografia A BAIXADA SANTISTA e, logo depois, ministrar o curso de CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS, ali no antigo prédio da Reitoria: o cerco se fechou.

Foi também a sorte, e não outra cousa, que fez meu professor de russo sumir em 1964. Também a sorte fez-me chegar em plena Geografia crítica e às vésperas da Paritária da USP, da qual participei como representante da Geografia, ora vejam só.

Dali em diante foi só prosseguir no caminho que se me apresentava.

Naquela ocasião, meu colega de sala na Seção de Agrogeologia, **FRANCISCO DA COSTA VERDADE**, lançou-me a pergunta-desafio: “*MAS QUEIROZ, O QUE FAZEM OS GEÓGRAFOS*” Na realidade, ele queria saber o que era a GEOGRAFIA: naquela que ele aprendera na escola, das capitais, fronteiras, número de habitantes, baías, montanhas, oceanos, não tinha lugar para a Pedologia. Tive a má idéia de responder que, entre outras cousas, os Geógrafos estudavam GEOGRAFIA AGRÁRIA: achava que de Agrônomo para Agrônomo seria o caminho mais fácil para chegar ao entendimento. Que nada, ele pulou da cadeira exclamando que os Geógrafos não podiam trabalhar com Geografia Agrária, porque eles não entendiam nada de Agronomia: ora já se viu que ousadia? Que enrascada, fui me meter, não teria sido tão mais fácil continuar com a Agronomia?

Será que a resposta estaria no livro de **YVES LACOSTE**, “*A GEOGRAFIA - ISSO SERVE, EM PRIMEIRO LUGAR, PARA FAZER A GUERRA*”? Mas seu primeiro capítulo tem como título uma questão: seria a Geografia “*UMA DISCIPLINA SIMPLÓRIA E ENFADONHA?*”. Ao longo do texto ele mostra que não, mas que isso decorre em grande parte da forma com que ela é abordada pelos professores do ensino médio e fundamental.

Durante algum tempo aquela pergunta parafusou na minha cabeça. Recorri, como sempre, ao **AURÉLIO**: “é a ciência que tem como objeto a descrição da superfície da terra, o estudo de seus acidentes físicos, climas, solos e vegetação e das relações entre o meio natural e os grupos sociais”.

Mas foi mestre **MANOEL CORREIA DE ANDRADE** que encaminhou a resposta no início do seu livro “*Caminhos e descaminhos da Geografia*”, ao afirmar que “os responsáveis por este ramo do conhecimento são levados a fazer reflexões tanto sobre a atuação que podem desenvolver como também sobre a própria natureza do conhecimento científico em que se especializaram”.

O que fez a Geografia, entre nós? De qualquer modo, acompanhou os passos das Universidades onde se inseriu.

Num primeiro momento, e ainda através dos franceses que ajudaram a formá-la, parece ter respondido a definição de **VIDAL DE LA BLACHE**: “*A Geografia moderna estuda a distribuição, na superfície terrestre, dos fenômenos físicos, biológicos e humanos, as causas dessa distribuição e as relações locais entre esses fenômenos*”. Buscou conhecer o “habitat” e os hábitos do “*Homus braziliensis*”: foi assim com o relevo, com os climas, com as associações vegetais e animais, com a margem costeira, as ilhas oceânicas, o substrato geológico, os solos, enfim, abordando todos os aspectos do “habitat” daquele “Homus”. Paralelamente, estudou as populações urbanas e rurais, seus deslocamentos, suas relações com o meio em que vivem, as relações econômicas e sociais, seu desenvolvimento histórico, enfim, tudo o que poderia estar relacionado à sociedade composta de “*Homus brasiliensis*”.

Previendo a importância estratégica desses estudos, o Estado brasileiro criou o IBGE quase ao mesmo tempo das Universidades, como a instituição adequada para desenvolvê-los, que até hoje alberga Geógrafos, profissionais competentes nesse mister. Via IBGE, os geógrafos instrumentaram o país com uma documentação cartográfica muito rica e valiosíssima: no dizer de **YVES LACOSTE**, já podemos fazer guerra contra Oropa, França e Bahia. Mas, além de espacializar os fatos geográficos, os geógrafos e o IBGE fornecem, num primeiro momento, bases mais seguras para instrumentar a intervenção do Estado na economia e em outros setores da atividade, enfim para os planejamentos. Sem falar nos recenseamentos, basta lembrar o que representa o RADAM, instituído no início da década de 70: respondia à necessidade de conhecer os espaços para melhor ocupá-los, desenvolvê-los e integrá-los economicamente ao espaço nacional, mas também com o intuito de melhor defendê-los.

Porém, nestas três últimas décadas a Geografia nacional parece atravessar uma crise que, até certo ponto, antecede a da própria Uni-

versidade onde se acha inserida, pelo menos em parte: é uma espécie de crise de identidade e de auto-reconhecimento.

Essa crise parece estar marcada, no nascedouro, pela própria dicotomia geográfica entre a Geografia Humana e a Geografia Física. É um problema mal resolvido até hoje, como se verifica ao consultar não apenas os currículos de graduação, mas a própria organização interna de Departamentos ou Institutos onde ela é exercida. Por trás dessa ambivalência coloca-se uma questão: a Geografia é uma Ciência Humana ou Física? Como conciliar essas “duas Geografias” que tem posturas teórico - metodológicas diversas? Mas essa crise tem outro componente, que no entanto não é exclusivo da Geografia: a segmentação de seus cursos de graduação. Não estamos falando apenas dos currículos, mas do modo como o conjunto de disciplinas da graduação é ministrado: cada uma independente das outras, num arremedo da aplicação do conceito de liberdade de cátedra que, evidentemente, não é aí que deveria ser aplicado

A meu ver, a criação dos cursos de pós-graduação abriu muito mais uma porta para esconder a crise do que para aplaca-la: abriram-se cursos não de Geografia, mas de alguma coisa relacionada ao Meio Ambiente e ou Planejamento. Essa proposta dos geógrafos de criar cursos de pós-graduação relacionados ao Meio Ambiente e Planejamento, parece confirmar a crise de identidade e de auto-reconhecimento. Parece evidente, e não apenas para as Geografias, que seria muito mais fácil receber parcela do “reconhecimento social”, além das benesses das agências de financiamento de pesquisas e de outras fontes, através dessa expressão mágica, Planejamento e Meio Ambiente, do que através de seu nome de origem.

É possível que seus idealizadores imaginassem que a criação desses cursos, aparentemente interdisciplinares, multidisciplinares, transdisciplinares ou outro apelido qualquer, concorresse para aumentar o *status* social da disciplina e, ao mesmo tempo, mostrar ser a Geografia

uma disciplina interdisciplinar, como se por si só já não o fosse. De qualquer modo, isso não consegue resolver o dualismo original.

Mas é preciso insistir que o Estado, a serviço dos donos do poder, sabe muito bem para que serve a Geografia (pensemos no IBGE) como setor do conhecimento da maior utilidade para os estrategistas da economia e planejadores. No entanto, será que o restante da sociedade e, principalmente, nossos colegas da Academia, (os “*verdadeiros homens de ciências*”) reconhecem essas serventias? Ou será que, para eles, ela seria apenas, no dizer de **Y. LACOSTE**, uma enfadonha disciplina do ensino médio que nos obriga a decorar uma infinidade de cousas cuja utilidade parece totalmente discutível?

Essas crises particulares da Geografia, de identidade e auto-reconhecimento, de um lado, e a dicotomia Humana x Física de outro, só poderão ser resolvidas pela própria Geografia, isto é, por nós mesmos. Sem esquecer que essa crise permanente da Geografia, daqui por diante, será com certeza atropelada pela crise da própria Universidade: as duas questões se encavalam - qual a Universidade que queremos para nossa sociedade, e qual a Geografia que interessa a nós e à nossa sociedade?

Finalmente, ao agradecer mais uma vez a meus colegas a indicação para receber esta láurea, não posso me furtar de deixar uma última reflexão. O caminho percorrido, iniciado como Engenheiro-agrônomo, mostra o acerto da escolha da Geografia para encerrá-lo. Encontrei aqui o complemento indispensável para completar e enriquecer minha visão de mundo. Como exemplo, cito o trabalho realizado em Cubatão: partindo dos aspectos físicos, minha especialidade, foi-me possível adicionar a questão ambiental e as condições de vida, intrinsecamente ligadas, que levaram à busca das causas sócio-político-econômicas responsáveis pelo descalabro social e ambiental.

É este papel de análise e crítica da sociedade que espero que a Geografia e, por extensão, a Universidade continue a desempenhar

Ao sermos entrevistados ao terminar esse jogo da vida, pudemos

afirmar:

*a gente lutamos bastante, demos tudo de si mesmos, seguimos as
orientação dos professor para alcançar esta vitória.*

FINAL PROVISÓRIO - PANO RAPIDÍSSIMO



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Serviço de Comunicação Social - AÇÃO
Gráfica - FFLCH

